

DENY ARDAIA DA SILVA

**OS ATRIBUTOS PEDAGÓGICOS DA CULTURA POPULAR DA
FRONTEIRA
GUAJARÁ-MIRIM (BRASIL) – GUAYARAMERÍN (BOLÍVIA)**

Guajará-Mirim -2013

DENY ARDAIA DA SILVA

**OS ATRIBUTOS PEDAGÓGICOS DA CULTURA POPULAR DA
FRONTEIRA
GUAJARÁ-MIRIM (BRASIL) – GUAYARAMERÍN (BOLÍVIA)**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em Artes visuais, do Departamento
de Artes Visuais do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Moisés Alves dos Santos.

DENY ARDAIA DA SILVA

**OS ATRIBUTOS PEDAGÓGICOS DA CULTURA POPULAR DA
FRONTEIRA
GUAJARÁ-MIRIM (BRASIL) – GUAYARAMERÍN (BOLÍVIA)**

Relatório de Monografia de Graduação aprovado como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Artes Visuais, da Universidade de Brasília, pela
seguinte banca examinadora:

AGRADECIMENTOS

A Deus, Corpo Técnico e Docente do Curso de Artes Visuais da UNB/UNIR, Familiares e a Todos que direta ou indiretamente contribuíram com este trabalho.

*Para Nely Matter, Suzana Escobar,
Fabiola Ferreira Ocampo, Nubia Paes
de Azevedo e Ana Luzia Paes Ardaia.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPITULO 1 - A CONTRIBUIÇÃO CULTURAL DOS IMIGRANTES NORDESTINOS	9
CAPITULO 2 - A CONTRIBUIÇÃO CULTURAL DOS ÍNDIOS WARI' (PACAÁS-NOVOS)	12
CAPITULO 3 - A CONTRIBUIÇÃO CULTURAL DOS BOLIVIANOS	15
CAPITULO 4 - A EFETIVAÇÃO DA CULTURA LOCAL SOB O PRISMA TRILÍNGUE OU MULTICULTURAL	18
a. Festival Folclórico Nos Primeiros Anos de Sua Fundação	18
b. Intercâmbios Culturais nas Escolas Publicas	19
c. A Festa do Divino Espírito Santo	20
d. Os Arraiais nas Escolas e Entidades Não Governamentais	20
e. Outros Projetos	21
f. Os Alunos das Escolas	22
g. Ponto de Cultura Hurukunê-Wao	23
CAPITULO 5 - A ESCOLA QUE TEMOS	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
BIBLIOGRAFIA	29

INTRODUÇÃO

O município de Guajará-Mirim, antes de ter sua fundação oficial, já existia como [...]uma indicação geográfica para designar o ponto brasileiro em à povoação boliviana de Guayaramerín.” (HUGO, 1959, p.233), Surgiu com a denominação de Quadro “[...]devido a construção de um grande depósito para guardar o material da ferrovia em construção (SILVA, 2011, p. 87) e logo após como Distrito de Espiridião Marques. Em 12 de julho de 1928 o distrito foi elevado à categoria de município recebendo o nome atual e oficialmente instalado em 10 de abril de 1929. Tanto Guayaramerín, quanto Guajará-Mirim tem a significação de “Cachoeira Pequena – em dialeto indígena, nome dado pelos aldeados espanhóis fronteiriço.”(CHAMMA, 2012, p.31)

Este município foi povoado; pelos nordestinos que vieram para cá motivados pelos impulsos migratórios gerados pela extração do látex da seringueira (*Hevea brasiliensis*) e construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, pelos bolivianos, descendentes de espanhóis ou de inúmeras etnias¹; e também, pelos indígenas, falantes do idioma pacaás-novos, que aqui sempre estiveram e que foram se aproximando aos poucos, conforme o processo de pacificação. Todos trouxeram suas culturas para cá e isto gerou características que o difere das demais cidades do Estado.

Com o intuito de mostrar como a cultura se efetiva neste ambiente trilingue, dividimos o trabalho em cinco capítulos que apresentam paulatinamente a origem dos povos que integram a comunidade local, os movimentos da cultura popular e a escola, mediadora do processo ensino-aprendizagem que por sua vez é o motivo principal desta pesquisa. No primeiro capítulo, falamos da migração nordestina, apresentamos os motivos de suas vindas e suas contribuições na área da dança, música, culinária, forma de se relacionar com a natureza e com o povo nativo. O segundo capítulo apresenta os índios que vivem do lado brasileiro e mostra a contribuição cultural dos mesmos, as batalhas ocorridas, o processo de

¹ Supõe-se que devido ao processo migratório muitas etnias desapareceram. Atualmente, no Estado Plurinacional de Bolívia são identificadas 36 etnias originárias: Araona, Ayoreo, Baure, Canichana, Cabiñeno, Cayubaba, Chacobo, Chiman, Chiquitano, Ese Ejja, Guarasugwe, Guarayo, Itonama, Joaquiniano, Lecos, Machineri, Maropa, Moré, Mosen, Movima, Mojeño, Nahua, Pacahuara, Siriono, Tacana, Toromona, Yaminahua, Yuqui, Yuracare, Afrobolivianos, Guaraní, Tapiete, Weenhayek, Aymaras, Quechuas e Uru.

aproximação/pacificação, o relacionamento com os brancos e a vinda deles para a cidade. O terceiro capítulo refere-se aos bolivianos, que juntamente com os nordestinos, contribuíram para a formação da maioria das famílias que formam a comunidade de Guajará-Mirim, evidencia os processos de comunicação entre brasileiros e bolivianos, a maneira como se relacionam culturalmente e a construção coletiva de valores favoráveis a um estado de convivência tranquila.

O quarto capítulo apresenta a forma como a cultura que envolve os povos presentes na comunidade – nordestinos, bolivianos e indígenas – se efetiva e descreve alguns eventos que mais se destacam no cotidiano da cidade, que tem participação direta desses povos e que se relaciona com atividades pedagógicas dentro de nossas escolas, como o Festival Folclórico em que muitos alunos são protagonistas, os Intercâmbios Culturais, as Festas Populares e outros. O quinto capítulo diz respeito à escola como incentivadora da cultura popular, identifica algumas falhas no processo ensino-aprendizagem, expõe pontos negativos em relação aos livros didáticos adotados pelas escolas e a falta de diálogo desses com a cultura dos alunos atendidos por ela.

Conhecer a cultura popular é como conhecer o próprio homem dentro de seu contexto, seus anseios e sua postura perante a vida. Deste conhecimento, quando visto com objetivos pedagógicos, surgem possibilidades de melhorar as relações ensino-aprendizagem e ampliar os reflexos sociais benéficos a comunidade, pois se supõe que dessa maneira cada aluno que for envolvido por esse processo se compreenderá como membro da cultura passando a valorizá-la, por isso é de extrema importância que a linguagem da escola esteja adequada e atenda a todos que façam parte desse cotidiano, indistintamente. No caso de Guajará-Mirim, a escola precisa perceber o multiculturalismo existente na comunidade e agir de tal forma que a mesma ofereça aos alunos o conhecimento da cultura popular com as características deste município de fronteira, contribuindo para a construção de novos conhecimentos e favorecendo ao aparecimento de novos legados culturais.

CAPITULO 1

A CONTRIBUIÇÃO CULTURAL DOS IMIGRANTES NORDESTINOS

Os nordestinos que aqui chegaram na ocasião da extração do látex da seringueira ou da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré foram denominados seringueiros, soldados da borracha, *arigós* e exerciam trabalho braçal e assalariado. Eles trouxeram a musicalidade, a dança, as lendas, as crenças, a culinária entre outros conhecimentos que foram adaptados ao ambiente amazônico, mas sem perder sua essência cultural. Nessa ocasião, viviam-se batalhas constantes entre índios e brancos por acesso às terras, rios e igarapés e o ódio entre eles era imenso devido a tantas perdas e ao espírito de vinganças que reinava na ocasião. Entre comparações bélicas, os índios sempre estiveram em desvantagens e além das mortes por arma de fogo, [...]quando resolveram por fim se comunicar com os brancos, nos episódios de pacificação, sofreram epidemias que dizimaram boa parte de sua população.” (VILAÇA, 2006, p.45). Em relação as atrocidades e processos de dizimação dos índios do vale do Mamoré² a história nos remete a barbarismos imensuráveis.

Quem se dispuser a leitura dos trabalhos produzidos, com rigor científico, a respeito dos índios e suas etnias nas lutas pela sobrevivência e preservação de seus costumes, crenças e culturas, conhecerá de histórias que lhes falarão inexoravelmente de atrocidades, abandono e do gradual aniquilamento de suas crenças e credíes, e, até de genocídios acometidos às várias etnias indígenas [...]saberá, através desses relatos, senão de desaparecimentos, mas, ainda, de desrespeitos generalizados contra suas dignidades, sobre a sistemática disseminação de doenças entre suas tribos, sobre ações orquestradas como meio de apropriação de suas terras e das riquezas nelas contidas, tudo, em nome de uma integração dos índios aos costumes ditos civilizados que respeitam suas tradições, suas crenças, seus costumes e suas dignidades. (SILVA, 2011, p.140).

Vieram para Guajará-Mirim, migrantes de todas as partes do mundo. Do Brasil, a região que mais forneceu trabalhadores para a extração da borracha e da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré foi a região Nordeste, e desta, as maiores levas de imigrantes são do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, Estas

² Vale do Mamoré: O rio Mamoré é um rio boliviano-brasileiro da bacia Amazônica que nasce da confluência do rio Chapare e do rio Mamorecillo, entre os departamentos de Santa Cruz e Cochabamba, 24 km ao sul da foz de um de seus grandes afluentes, o rio Grande. Com o Rio Beni forma o Madeira no município de Nova Mamoré, no estado de Rondônia. O rio corre na direção norte em todo seu percurso, sendo a maior parte deste em território boliviano. http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Mamor%C3%A9 em 02/10/2013 às 14:45.

representações trouxeram o dinamismo da vida dura que levavam por ocasião das grandes secas e a capacidade para sobressair das situações mais difíceis proporcionadas pela selva amazônica. Muitos deles saíam de suas terras sem rumo, motivados pela publicidade que chegava até seus conhecimentos de que em terras amazônicas a prosperidade era impar e que rapidamente se fazia fortunas, as *pélas de borrachas*³ davam em árvores de fácil extração. Levados por essas informações juntavam o que podiam trazer e desciam rumo ao Norte com a esperança de conseguir a fortuna tão anunciada pelas campanhas publicitárias governamentais da época.

Sem noção do perigo e das dificuldades, o nordestino apostou nas possibilidades de melhoria de vida, independente da região para onde ele se dirigiu, valendo-se da pela experiência de vida difícil que levava e pelo vislumbre da possibilidade de melhorar, caso alcançasse a riqueza que o ambiente amazônico prometia. Dessa forma se aventurou em sua busca.

[...] com destino a Porto Velho ou a qualquer outro fim de mundo infestado de seringueiras, índios e onças-pintadas. Nosso destino era Guajará-Mirim, tínhamos notícias que nessa cidade ficava o maior centro produtor de farinha da Região Norte, grandes áreas de seringais a perder de vista e um imenso castanhal habitado por índios, onças e muriçocas. (SANTOS⁴, 2013)

Chegando ao novo ambiente, passado o período de estranhamento, logo se habituou a retirar da natureza o necessário para sobreviver. Sua forma de criar e constituir a família também são peculiares ao nordestino sempre com grandes proles sustentados pela esperança de prosperidade. Talvez por ter visto essa imensa quantidade de água, que para o homem amazônida é tão comum, mas que para o nordestino é uma expressão de bom futuro, o fez se fixar juntamente com suas tradições e, aqui permaneceram, também pelo fato de nunca terem conseguido juntar suas economias para retornar as suas origens. Segundo Lilian da Silva Ferreira⁵ (informação verbal) “em termos de religiosidade, trouxeram a fé e devoção aos santos, o gosto pelas procissões, as novenas, as quermesses, os arraiais e as

³ Pelas de borracha: ao passar pelo processo de defumação, o látex se aglutina formando uma massa sólida geralmente em forma de bola oval que os seringueiros deram o nome de péla. Talvez, derivada da palavra *perla* (pérola em espanhol).

⁴ SANTOS, Simon Oliveira dos – Mestre em Ciência da Linguagem e Membro da Academia guajaramirense de Letras – AGL.

⁵ Lilian da Silva Ferreira: Pedagoga. Especialista em Gestão Escolar. Técnica do Serviço de Inspeção Escolar – SIE- da Coordenadoria Regional de Educação de educação de Guajará-Mirim – CRE – da Secretaria de Estado da Educação – SEDUC.

peregrinações que se mantêm até hoje”. Podemos citar como exemplo as festas juninas aonde são apresentadas danças típicas como quadrilhas, xote, baião e xaxados, servidas comidas e bebidas da culinária agreste e que aos pouco foram integrando aspectos da cultura culinária boliviana. Entre esses imigrantes, muitos eram descendentes de escravos e trouxeram traços das religiões africanas como o candomblé, os feitiços e mandingas que encontraram forte aceitação por parte da cultura religiosa boliviana, que por sua vez, possui características sincréticas muito parecidas com as religiões afro-brasileiras.

Como as levas de imigrantes que desciam para esta região atrás de trabalho e melhoria de vida eram compostas em sua grande maioria por homens, esses recorriam às mulheres bolivianas para contrair matrimônio e constituir suas famílias. Dessa forma as relações culturais da fronteira Brasil/Bolívia foram genuinamente de caráter familiar.

CAPITULO 2

A CONTRIBUIÇÃO CULTURAL DOS ÍNDIOS WARI' (PACAÁS-NOVOS)

Os índios Wari⁶ ou Pacaás Novos⁷ são formados por 25 etnias⁸ distribuídos em 32 aldeias. Foram massacrados por expedições de seringueiros até meados da década de 50 quando se iniciaram os primeiros processos de pacificação orientados pelos [...]“missionários protestantes da Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB) e funcionários do órgão governamental denominado Serviço de Proteção ao Índio (SPI), que vinham tentando, há décadas, pacificar esses conhecidos guerreiros” (VILAÇA, 2006, p.29). A origem desse povo está relacionada a migração dos índios *Morés*⁹ de tronco lingüístico *txapacura*¹⁰ que [...]“atravessaram o Mamoré e se fixaram em alguns de seus afluentes da margem direita, onde estão, até hoje, os Pacaás-Novos, a única sociedade *txapacura* em território brasileiro”(MEIRELES, 1989, p.46). Atualmente eles habitam todo território fronteiriço, suas aldeias são em número de trinta e duas, estão classificadas de acordo com as vias de acesso e para exemplo citamos aqui apenas as mais populosas com suas respectivas distâncias até Guajará-Mirim. Entre as terrestres, ligadas pela BR 425 e vicinais temos a Aldeia Laje Novo (65km) e Aldeia Linha 10 (40km). Entre as fluviais via rio Pacaás-Novos temos a Aldeia Tanajura (60km) e Aldeia Sotério (270km). Por via do rio Mamoré tem-se a Aldeia Deolinda (100km) e a Aldeia *Barranquilla* (120km) e via rio Guaporé temos a Aldeia Sagarana (290km) e Aldeia Ricardo Franco (370km).

⁶ Wari' : Os Wari' são muitas vezes designados como Pakaa Nova, por terem sido avistados pela primeira vez no rio homônimo, afluente da margem direita do Mamoré, no estado de Rondônia. Mas é como Wari', palavra que em sua língua significa "gente", "nós", que gostam de ser chamados, e é dessa forma que são conhecidos pelos não-indígenas que mantêm com eles um convívio mais estreito. Vivem hoje aldeados em torno de sete Postos da Funai administrados pela Ajudância de Guajará-Mirim, Rondônia, e na Terra Indígena Sagarana, na confluência dos rios Mamoré e Guaporé, administrada pela Diocese de Guajará-Mirim. <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/wari em 02/10/2013> às 15:16.

⁷ Pacaás Novos – Rio que nasce na serra dos Pacaás-novos e é tributário do Rio Mamoré, também é (VILAÇA. *Op.cit.*2006.p.55) denominação dada pelos viajantes que percorriam os trechos do rio de mesmo nome nos séculos XIX e XX.

⁸ As etnias são: Oro Mon, Oro Waram Xijein, Oro Não', Oro Waran, Canoé, Oro Eo, Oro At, Oro Jowin, Parintintin, Jaboti, Aruak, Oro Win, Macurap, Wajuru, Xavante, Surui, Cao Oro Waje, Cabixi, Oro Eo Wau Wau, Aricapu, Massaca, Cujubim, Tupari, Gavião e Mutum.

⁹ Morés: também chamados de *Ite*, *Itines* (Homônimo do rio Guaporé para os espanhóis) ou *Itoreau-hip*. Os *Morés* podem ser remanescentes dos grupos que migraram ao longo do rio Mamoré e, possivelmente, devem ter expulsado povos *Tupi* dos territórios onde se fixaram. (MEIRELES. *Op.cit.* 1989.p.46)

¹⁰ Txapacura: Atualmente, existem somente quatro grupos falantes do Txapakura: os Wari', os Torá, os Moré ou Itenes, que vivem na margem esquerda do rio Guaporé, um pouco acima da confluência com o Mamoré, em território boliviano, e os Oro Win. <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/wari/860 em 13/10/2013> às 19:42.

Os que vivem nas aldeias, quando vem a cidade recebem apoio da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e, em casos de saúde, da Casa do Índio. Atualmente muitos residem na zona urbana, em casas alugadas ou próprias. Esses se mantêm da extração da castanha e do açaí, da venda de farinha e dos artesanatos e do recebimento de bolsas benefícios sociais oferecidas pelo Governo Federal. Matriculam seus filhos nas escolas públicas da cidade e gostam de festas, principalmente de forró. Suas vestes demonstram um processo avançado de aculturação e são compradas no comércio boliviano: Os índios usam calças jeans, tênis e camiseta; as índias, chinelo com algum tipo de brilho, saia ou short blusa ou camiseta. São aparentemente tímidos, sempre andam em grupo e conversam em sua língua materna também denominada pacaás-novos.

A base da alimentação wari' é a mandioca, o milho mole também chamado de milho massa que é produzido durante o ano inteiro, peixe e animais selvagens como anta, paca, veado, tatu e as aves. A arte plumária é confeccionada a partir das penas de aves que são abatidas para a sua alimentação. A pintura corporal é passada de pai para filho e cada traçado tem seu significado e são utilizadas em situações de festas, colheita, caça, casamento. No artesanato são produzidos objetos de cipó, palha, madeira, sementes, conchas de rios e penas. É muito comum vermos famílias de indígenas, passando de casa em casa, vendendo cestos de palha de tucumã (*Astrocaryum aculeatum*) ou trocando por roupas ou mantimentos. Em épocas de safra da castanha, laranja e banana vemos os homens indígenas, nos caminhões da FUNAI, oferecendo suas produções, a preços bem abaixo do mercado, em feiras, comércio e esquinas. Grande parte da farinha de mandioca que é servida na mesa do guajaramirense é oriunda da agricultura de subsistência indígena, principalmente das aldeias dos rios Pacaás-Novos, rio Sotério, rio Negro Ocaia e das aldeias terrestre Laje e Ribeirão. A comida é representada através dos peixes, da tartaruga ou tracajá com farinha, peixe amoquinado, peixe assado na folha da bananeira, paca e macaco no leite da castanha, tatu assado.

Em relação às danças indígenas, raramente são apresentadas na cidade, salvo em ocasiões muito especiais, motivados por convites de instituições ou que esteja de acordo com os interesses do povo Wari'. Em 2012, um grupo de alunos indígenas de Sagarana, no Distrito de Surpresa, à 290 Km de Guajará-Mirim, apresentaram danças e dramatizações no Festival Internacional de Teatro – Festin-Açu – e

mostraram um pouco dos mitos em suas dramatizações e danças.

Os Wari' mantêm os costumes de pintar o corpo em diversas situações, porém segundo a Técnica Educacional da FUNAI Aldélia Paz¹¹ (informação verbal) disse que “eles não sabem informar qual a real origem dos traçados, dizem que quem tinha essas informações eram os velhos e estes não tiveram tempo de passar”, mas afirma que os traçados são mantidos como eram no passado, assim como o pigmento usado na pintura que é extraído do fruto do jenipapeiro (*Genipa americana*).

¹¹ Aldelia Paz: Pedagoga, Especialista em Gestão Escolar – Atualmente é Técnica em Assuntos Educacionais da Fundação Nacional do Índio em Guajará-Mirim.

CAPITULO 3

A CONTRIBUIÇÃO CULTURAL DOS BOLIVIANOS

Existe um processo de comunicação pacífica entre brasileiros e bolivianos, talvez pelo fato de um desses municípios, no caso Guajará-Mirim, ter surgido bem depois e por isso recorrer a Guayaramerín em casos de necessidades estruturais o que levou a fortalecer fatores de proximidade entre as duas populaes e que permanece existindo por ordem de herança, cultura, tradição familiar, comercio, amizade e às vezes até por necessidades de assistência médica hospitalar, tanto a oferecida aos brasileiros que recorrem a médicos bolivianos na Bolívia, quanto aos atendimentos hospitalares aos bolivianos que vem ao lado brasileiro em busca de melhores recursos médicos.

Por tradição, a cultura relacionada ao campo, a cidade, ao homem, a natureza e a indústria agrária é praticamente a mesma. Geradas por fatores geográficos que em sua totalidade se assemelham e acabam refletindo na culinária, na conserva dos frutos regionais, na prática de lidar com as pessoas, na maneira de cantar, de dançar, de fazer poesias usando temas comuns a região fronteira. A consanguinidade também é um fator que beneficia esse estado de paz, elevadas percentagens de pessoas que vivem nesta região são entrelaçadas por graus de parentescos, assim flui a nulidade de obstáculos de fronteira, apesar de existir as normas legais sistematizadoras dos Estados. A relação comercial entre os dois lados  uma veia permanente que se mantm por décadas, mesmo existindo as diferenças cambiais entre as moedas, de tal forma que um garante a existência do outro, fazendo com que a economia desses dois municípios se solidifique, favorecendo uma vivência de melhor qualidade.

A amizade também estreita as relações entre os fronteiraos, além do respeito observado pelas diretrizes legais, existe também uma combinação de visitas recíprocas por influências cívicas, de desenvolvimento integral e de políticas harmoniosas que são praticadas pelas autoridades em nome do povo e cidadãos que representam a municipalidade. A comunicação diária entre bolivianos e brasileiros constrói coletivamente valores favoráveis a um modo de vida que não anula as diferenças e diversidades, mas que estreitam os laços de amizade e proximidade e são aceitos por todos, mantendo-se assim um estado de convivência tranquila. É comum, nos finais de semanas e em datas comemorativas, uma

imensidão de bolivianos cruzarem o rio Mamoré para passarem o final de semana no lado brasileiro com seus familiares e nestes momentos, festivos ou não, costuma-se fazer verdadeiros cerimoniais. Culturalmente falando, o boliviano não chora a morte de seus entes e sim a separação do mesmo em relação aos familiares, amigos e conhecidos. Ela é celebrada como passagem para um mundo melhor e neste momento comemora-se inclusive com banda de música, comidas e bebidas. Se o corpo for sepultado no Brasil o cerimonial fúnebre é bem simples e sem pompas, se for na Bolívia, segue os rituais de lá, recebendo influência da localização e não da nacionalidade.

O boliviano é um exímio comerciante, as mulheres, principalmente as *collas*¹², são habituadas a serviços braçais. Conseguem carregar pesos imensos sobre as costas ou cabeça. Esse afinco pelo comércio e a força da mulher boliviana foi decisivo na feira livre do lado brasileiro a tal ponto desse comércio ser quase que totalmente ocupado pelos bolivianos. Os agricultores brasileiros trazem seus produtos para serem comercializados somente no sábado, enquanto que os bolivianos trabalham no local de segunda a segunda, das seis da manhã até altas horas da noite. Costumam dormir, revezando-se, embaixo de mesas ou em cantinhos reservados, para não precisar se ausentar de seus comércios e nos estabelecimentos onde o expediente é encerrado ao meio dia, por exemplo, o sinal que indica que o comércio está fechado é apenas um pequeno pedaço de madeira ou uma corda interrompendo o caminho da entrada. Como o sinal é conhecido por todos aqui da fronteira, ninguém se atreve a entrar.

As festas familiares bolivianas são regadas a *chicha* de milho assado e moído, temperada com gengibre (*Zingiber officinale*) e folha de figo para aromatizar, *saltenhas*, empanadas, *tortilhas*, *pan de arroz*, *cuñapé*, porco assado, *parrilhada*. *Cumbias* e *taquirares* são as músicas mais ouvidas nesses ambientes. As falas são altas e sempre em espanhol. Nas ocasiões em que for oferecido cerveja, é muito comum um convite a *fundo blanco*¹³.

São inúmeros os sobrenomes de famílias oriundas da Bolívia: Duran, Gúsman, Villaruel, Ribero, Rivera, Guanacoma. Isto se deve ao grande número de

¹² Collas: descendentes do conhecido Império *Colla*, *Collao* ou *Collasuyo* e que foi constituído por numerosos povos que ficaram genericamente conhecidos como *Aymara*. Sua extensão teria sido considerável, compreendendo os atuais departamentos de La Paz, Cochabamba, Puno, Arequipa e Oruro. (MEIRELES. *Op.cit.* 1989.p.62)

¹³ *Fundo blanco*: contagem tradicional: *ariba*, *abajo*, *al centro* y *a dentro*. Ritual de um gole só para bebidas alcoólicas ou *chicha* altamente fermentada.

casamentos entre homens brasileiros e mulheres bolivianas, motivados pela grande imigração masculina na ocasião da construção da EFMM e os ciclos exploratórios, como o da borracha e o da castanha.

Existe a Associação dos Bolivianos no Brasil e do outro lado existe a Associação de Brasileiros, que tem a incumbência de funcionar como um segundo consulado, extra-oficial, em questões de imigrações e direitos, auxílio na retiradas e traduções de documentos, tendo em vista que é muito comum os bolivianos residentes em Guajará-Mirim possuírem dupla nacionalidade, pois para eles é muito vantajoso em questões de aposentadoria, atendimento hospitalar, postos de saúde, escolas e emprego no Brasil.

Devido à diferença cambial entre o Real e o Boliviano¹⁴ a mão de obra boliviana torna-se bem mais barata para os brasileiros que buscam serviços de marcenaria, carpintaria, alvenaria, panificação, caseiros de chácaras, sítios, fazendas e outros serviços. O boliviano geralmente é muito bom nos trabalhos de carpintaria e marcenaria. Dominam o artífice moveleiro e raramente seus móveis não possuem ornamentos em alto relevo. São exímios entalhistas e escultores em madeira, como exemplo disso, citamos o Altar Mor, a Pia Batismal e as Estações da Paixão de Cristo da Catedral Nossa Senhora do Seringueiro em Guajará-Mirim(RO), assim como outros móveis e trabalhos em madeira neste mesmo ambiente. A cultura fronteiriça boliviana não se resume apenas ao espaço em frente a Guajará-Mirim, vem desde o Município de Costa Marque até Nova Mamoré, ela é muito rica nos festejos e indumentárias ornadas com espelhos, sinos, escamas e chifres.

¹⁴ Boliviano: é a moeda oficial da Bolívia desde 1986.

CAPITULO 4

A EFETIVAÇÃO DA CULTURA LOCAL SOB O PRISMA TRILÍNGUE OU MULTICULTURAL

a. Festival Folclórico nos primeiros anos de sua fundação

O Festival Folclórico “Pérola do Mamoré¹⁵” foi fundado com este nome e teve sua primeira edição em 1995, sob a coordenação da União Municipal das Associações de Moradores de Guajará-Mirim (UMAM). Apoiada pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) Campus Guajará-Mirim e FUNAI, nasceu com o objetivo de comemorar a Semana do Folclore, integrar a cultura local dando suporte para as manifestações populares indígenas, bolivianas e brasileiras que constam neste município. Desde sua primeira edição até 2012, ocorre no segundo final de semana de agosto.

O festival foi um misto de feira gastronômica, artesanatos e apresentações de danças. A gastronomia era organizada por regiões, o setor de artesanatos e as apresentações de danças eram distribuídas entre os indígenas, os bolivianos e os brasileiros e a apresentação dos Bois-Bumbás Flor do Campo e Malhadinho que eram as atrações principais. A comunidade se envolvia na efetivação deste movimento cultural e as escolas também participavam com apresentações de danças e candidatas a Rainha do Festival. Todos os trabalhos que passavam pela arena eram confeccionados de maneira muito improvisada, se percebia as características rústicas e artesanais das fantasias, adereços e alegorias, todas confeccionadas por artesãos de Guajará-Mirim, que muitas vezes adquiriam os materiais com recursos próprios para fazer o que fosse necessário a título de colaboração, para que as apresentações ocorressem a contento. Dessa forma, o Festival aconteceu até 2008 e, a partir deste ano, deixou de ocorrer de maneira integrada à cultura local, passando a privilegiar as apresentações das duas Agremiações de Bois-Bumbás que deixaram de lado os valores culturais fronteiriços e passaram a importar a cultura da cidade de Parintins(AM) através da contratação da mão da obra, da compra e do aluguel de fantasias e adereços confeccionados por artistas daquela cidade.

¹⁵ Pérola do Mamoré: pseudônimo dado a cidade de Guajará-Mirim no período áureo da borracha onde existia toda estrutura urbana que a tornava referência em termos de organização e beleza.

De 2008 a 2012, com o apoio financeiro do Governo do Estado de Rondônia, as Agremiações Folclóricas de Bois-Bumbás buscaram se igualar aos espetáculos parintinenses e apresentaram espetáculos copiados, em proporções inferiores, das agremiações do Festival Folclórico de Parintins. Em 2013, alegando falta de verbas para repassar aos envolvidos no Festival Folclórico, o Governo do Estado de Rondônia se ausenta em sua participação e, depois de 18 anos, o festival deixa de acontecer.

b. Intercâmbios Culturais nas Escolas Públicas

É comum acontecer nas escolas do município de Guajará-Mirim as feiras hispânicas e os intercâmbios culturais Brasil/Bolívia. Isto se deve pelo fato de existir no currículo do município a disciplina de Língua Estrangeira Moderna - Espanhol como segunda língua ensinada nas nossas escolas. Nestas ocasiões, ocorrem apresentações de comidas típicas e danças dos países de idioma latino. Em especial, ao país fronteiro, ocorrem as trocas de conhecimentos.

A Bolívia tem um padrão cultural milenar e suas apresentações se voltam exclusivamente às manifestações que historicamente estão ligadas as etnias daquele país. As danças são formadas por coreografias e dramatizações que mostram um pouco do cotidiano do povo boliviano. Nessas ocasiões são apresentadas danças como a *Diablada*, *Caporales*, *Tobas*, *Cambas*, *Collas* e uma infinidade de outras. Paralelo às apresentações de Bolívia estão às danças brasileiras voltadas ao modismo, a sensualidade e algumas mais tradicionais como o forró, o xote, o carimbo, o boi-bumbá e as quadrilhas. Desta forma se efetivam as trocas de cultura folclórica nos intercâmbios escolares. Além dessas manifestações, outras formas de câmbios acontecem nesses encontros, por exemplo, no Intercâmbio Cultural Internacional Brasil/Bolívia – Guajará-Mirim/Rurrenabaque – ULTRAPASSANDO FRONTEIRAS – da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Simon Bolívar no período de 04 à 06/10/2013 ocorreram os Círculos de Cultura, aonde professores, alunos e um grupo de monitores formados por acadêmicos de Letras e Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia- Campus de Guajará-Mirim, discutiram eixos temáticos como meio ambiente, educação, violência, família, sociedade, sexualidade, drogas, imigração e cultura de fronteira.

c. A Festa do Divino Espírito Santo

É uma festa centenária, originária de Vila Bela da Santíssima Trindade e que ocorre em Guajará-Mirim desde a década de sessenta, promovida pela Irmandade do Divino Espírito Santo, entidade ligada à Igreja Católica. Nesta festa os romeiros caminham em procissão por cinquenta dias de peregrinação rural, por todas as localidades e distritos, e urbana por todos os bairros de Guajará-Mirim. Por essa ocasião ocorre a participação de fiéis bolivianos e indígenas no cortejo de acompanhamento da Coroa, do Cetro e da Bandeira do Senhor Divino, muitos alunos se ausentam da escola neste período e retornam somente no final da festa. A alimentação e hospedagem das pessoas que acompanham o cortejo ficam sob a responsabilidade das famílias que recebem a Irmandade em suas casas. Jantam e pernoitam em uma residência, ao acordar dirigem-se a outra residência para tomar café da manhã e assim sucessivamente até completar o ciclo de cinquenta dias em caminhada e oração. A culminância desta festa ocorre na sede da Igreja do Divino Espírito Santo, no bairro São José, onde a comunidade promove a parte social da festa com o recolhimento do Mastro na residência onde fica guardado de um ano para outro, e em caminhada é levado à Igreja onde ocorre o Cerimonial de Asteamento seguido do Arraial. Na parte religiosa, que ocorre no domingo de Pentecostes, é feita a Celebração Eucarística e Adoração ao Senhor Divino Espírito Santo seguido de procissão pelas ruas do bairro e retornando a Igreja para a benção final.

São personagens dessa festa religiosa o imperador e vice-imperador, a imperatriz e vice-imperatriz, o carregador de coroa e o alferes da bandeira e seu auxiliar, o capitão do mastro, caixeiros, o violeiro, os cantores e os romeiros.

d. Os Arraiais nas escolas e entidades não governamentais

Os arraiais são festas de origens nordestinas e tem o forró, o xote e o baião com base cultural, acontecem durante todo o ano nas escolas, em algumas instituições e residências, mas o período de maior ocorrência dessa festividade é o mês de junho. Nessas festas são apresentadas as quadrilhas e danças de boi-bumbá, tipicamente brasileiras. A culinária desta festa, que até então era de origem

nortista e nordestina, hoje apresenta variedades da culinária boliviana – por exemplo, não existe arraial sem *saltenha* – iguaria típica boliviana, assim como também não existe arraial sem o churrasco da região Sul e o pato no tucupi do estado do Pará. Em várias ocasiões constatamos arraiais como o da família Duran, originária da Bolívia e residentes no lado brasileiro, que fazem arraial de origem nordestina para confraternizar, comer e beber em estilo boliviano, com *locro*, *majal*, *massaco*, que são comidas típicas bolivianas e que são mantidas através dos costumes dessas famílias. Segundo a professora Nielvin Duran Serra¹⁶ (informação verbal) “o boliviano é muito unido e festeiro e foi por este motivo que a família Duran começou a fazer o arraial, que é de origem nordestina, mas serve para celebrar a união familiar e a cultura boliviana”

e. Outros Projetos

Nas escolas de Ensino Fundamental (Segundo Segmento) e Ensino Médio são realizadas as feiras de culturas, gincanas de maiores proporções e intercâmbios culturais entre alunos brasileiros e bolivianos. E em novembro, o evento cultural mais importante chama-se Encontro dos Filhos e Amigos de Guajará-Mirim, que tem por costume envolver a população de Guayaramerín. Este evento é um chamado às pessoas que nasceram ou viveram na cidade de Guajará-Mirim e por diversos motivos, tiveram que buscar novas oportunidades fora de sua cidade natal. É uma festa que tem congressos técnicos, carnaval de rua, feira gastronômica, campeonatos desportivos, gincanas, baile e visitas a familiares. É um momento em que as pessoas revêem amigos de infância, relembram as aventuras e colocam em dia as conversas. Dezembro inicia com as casas enfeitadas para o Natal e a passagem de ano, há filas imensas de turistas para atravessar o rio Mamoré, que neste momento encontra-se muito cheio, para fazer as compras no lado boliviano. As pessoas imprimem em suas atitudes um estado de pressa, como se a todo o momento fossem perder um compromisso, um evento, ou tomar um banho de chuva, que nesta época, é constante e cai inesperadamente.

¹⁶ Nielvin Duran Serra: Professora da rede Municipal de Ensino desde 199, atualmente Gestora da EMEI Profa. Adma Leal, formada em Pedagogia com habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, Especialista em Supervisão Escolar e Mídias na Educação.

f. Os Alunos das Escolas

Em todas as escolas existem alunos bolivianos matriculados, a maioria deles tem dupla nacionalidade e se permite tanto estudar no Brasil, quanto na Bolívia. Dessa forma, o aluno que tem família moradora do lado brasileiro vem na segunda-feira, fica até sexta-feira e retorna ao lado boliviano, e isto procede até o dia em que ele mesmo decide ficar de vez em Guajará-Mirim. Os que não têm familiares neste município vêm e voltam todos os dias. Saem de casa com suas bicicletas ou a pé, vêm até a beira do rio Mamoré, no Porto Oficial Boliviano pegam um barco, conhecido aqui por voadeira ou catraia, que estiver disponível, e atravessam o rio. Chegando ao lado brasileiro dirigem-se a suas escolas. Ao termino das aulas refazem o percurso inverso. Os alunos matriculados nas escolas brasileiras têm toda uma formalização que os permite fazer essa travessia sem ônus, organizada pelas escolas onde estudam, Conselho Tutelar e os Consulados, mesmo assim, segundo Roxana Añes Parada¹⁷ (informação verbal) “o processo de travessia é bem difícil e demorado para esses alunos que vivem essa rotina, chegando às vezes a durar duas horas entre o sair de casa e o chegar à escola e vice-versa.”

Os alunos indígenas, quando concluem o Ensino fundamental, são obrigados a ir para o distrito de Surpresa, a 280 km de Guajará-Mirim, nas confluências entre os rios Mamoré e Guaporé, onde existe uma escola com a modalidade de Ensino Médio do Campo, ou vir para Guajará-Mirim, onde está a maioria das escolas que oferecem Ensino Médio. Os que escolhem a segunda opção fazem o trajeto aldeia/escola de ônibus, estes são procedentes do Posto Indígena (PIN) Laje Velho, PIN Laje Novo, PIN Abunã e PIN Linha 10. Os demais, oriundos dos PINs que tem acesso por via fluvial, são obrigados a mudarem para a cidade e aqui permanecerem nos períodos letivos. Esse acesso à cidade é feito por estradas vicinais de terra batida que no inverno amazônico (de outubro a março) ficam quase impraticáveis, tornando-se um trajeto perigoso e demorado. Em algumas situações, o ônibus retorna a aldeia com os estudantes do período da tarde por volta das 22 horas.

Em sala de aula, os alunos indígenas são comportados e silenciosos, falam o mínimo necessário para se comunicar com os colegas e professores, tem muita

¹⁷ Roxana Añes Parada: Boliviana residente no Brasil, Membro da Associação dos Direitos Humanos e da Associação de Bolivianos.

dificuldade em entender o idioma português, mas a cultura de atenção, comportamento disciplinar os coloca estatisticamente, em termos de presença, notas e conceitos, em estado de igualdade com os alunos que são da cidade e que não enfrentam as mesmas dificuldades de ir e vir no trajeto dos PINs às escolas.

g. Ponto de Cultura Hurukunê-Wao

Tem como finalidade a valorização do trabalho artesanal indígena, evidenciando os aspectos culturais e étnicos do povo Pacaás-novos, possibilitando melhoria de renda e sustentação das famílias envolvidas. É uma entidade agregada a Fundação Nacional do Índio.

O Ponto de Cultura Hurukunê-Wao funciona no prédio da FUNAI¹⁸ e trabalha com a divulgação nas mídias digitais, oportunizando jovens indígenas a registrar os processos de produção das peças artesanais servindo-se da filosofia de integrá-los em situações de protagonismo juvenil de defesa de seu povo e de sua cultura. Dessa forma, ao divulgar os trabalhos do povo Pacaás-Novos ocorre também a integração deles na sociedade global, uma vez que o meio de marketing utilizado é a internet.

Encontram-se disponíveis no Ponto de Cultura artesanatos como: cestos de diversos tamanhos e formas, pulseiras e colares confeccionadas com uma infinidade de sementes, redes, bolsas e sacolas de fibras de tucumã, cocares de palhas e de penas, tambores de látex, instrumentos musicais e armas indígenas como bordunas, arcos, flechas, zarabatanas e outros adornos e adereços indígenas.

Alem da atividade comercial, segundo as informações obtidas no site da Kanindé – Associação de Defesa Etnoambiental¹⁹ - outros objetivos são previstos como disponibilizar acesso a tecnologia digital/midiáticas e capacitações e, a partir deste ponto, implantação de mecanismos de divulgação e de realização de mapeamento cultural em terras indígenas Wari’.

¹⁸ Fundação Nacional do Índio – FUNAI: Av Constituição 542 – Centro – Fone: 69 3541 2149.

¹⁹ Kanindé – Associação de Defesa Etnoambiental: http://www.kaninde.org.br/?pag_id=25&p=34 – em 02/10/2013 às 22:42.

CAPITULO 5

A ESCOLA QUE TEMOS

É necessário que a escola conheça os aspectos culturais do local onde está inserida para que educadores e alunos possam compreender e aceitar, sem preconceito, suas origens e sua identidade. A educação multicultural não é levada em conta em nossas escolas, por ela não perceber a necessidade de respeitar integralmente o direito do cidadão e de sua diversidade, dessa forma, não contribui para a preservação da cultura regional e ainda orienta aos alunos, via currículo oculto, a se perceberem em *status* de culturas alheias. Entre os alunos da rede pública de Guajará-Mirim, podemos observar três idiomas permanentes, que são: português, espanhol e Pacaás-novos. Se fazem assim porque as escolas da fronteira atendem alunos bolivianos que moram na Bolívia, filhos de bolivianos que moram no Brasil, alunos indígenas falantes do idioma Pacaás-novos e os brasileiros propriamente ditos. Neste contexto, existe um relacionamento intercultural em nossas salas de aulas, um processo de hibridação dessas três culturas dentro do limite do município que, como já foi dito, se efetiva por processos de herança, tradição, comércio, por amizade, por educação informal dentro da sala de aula, sem que a escola perceba e se aproveite deste processo. É comum os alunos conversarem entre eles a respeito de seus costumes, seus hábitos, enfim, suas culturas, mas a escola não oportuniza conteúdos referentes à cultura local, não dialoga com as linguagens existentes em seu meio, não formaliza esses conhecimentos trazidos pelos alunos e essa relação cultural acaba por acontecer de maneira informal, dentro da escola, através das relações interpessoais entre os alunos sem que a mesma perceba o potencial e a riqueza da diversidade existente no próprio cotidiano.

É desejável que quando a escola acompanha os processos de efetivação da cultura na comunidade, principalmente em situação como a que está em análise, em que existem vários idiomas se relacionando cotidianamente e culturas diferentes envolvidas, compreenda as necessidades educacionais dos grupos étnicos envolvidos e contribua de maneira organizacional em conteúdos factuais, atitudinais e procedimentais para a construção de conhecimentos, já que tem em mãos grupos com experiências diferentes, de tal forma que estes contribuam para a ampliação do conhecimento e harmonia desses indivíduos no grupo, de maneira sutil para que não

se consolide estruturas diferenciais de superioridade ou inferioridade cultural e que ocorra uma aceitação por parte de todos em relação a todos, dirimindo o peso da maioria sobre as minorias. Tanto o aluno boliviano quanto o aluno indígena não podem ser vítima da massiva organização curricular da cultura livresca brasileira, dessa forma a escola precisa agir com sensibilidade para entender os papéis de cada cultura envolvida e utilizar estes como meios para trabalhar questões como bullying, preconceitos e diferenciações culturais, valorizando cada indivíduo dentro de sua cultura, pois “[...] o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas.”(SANTOS, 1983a, p.9). E amplia as possibilidades de conhecimento porque “[...] cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade.” (SANTOS, 1983b, p.24).

Os livros didáticos utilizados pelas escolas do Município de Guajará-Mirim são todos produzidos fora do estado de Rondônia, 100% dos conteúdos desses livros trazem informações sobre outras culturas e dessa forma, a realidade nativa da fronteira é deixada de lado, no entanto a cultural local movimenta-se naturalmente e é passada às pessoas informalmente. A escola, que deveria apresentar um currículo contextualizado e o mais próximo possível dos alunos, não formaliza os conhecimentos populares. Mesmo sendo realidade a presença de alunos indígenas, bolivianos e brasileiros em nossas salas de aula, não se observa nestes ambientes nenhuma intenção, por parte dos educadores, de oferecer uma educação que valorize os segmentos étnicos presentes. Observa-se porém a padronização de um saber de realidades bem distantes, como se todos os alunos fossem um dia deixar a fronteira e ir para as capitais das regiões Sul e Sudeste.

Compreender os aspectos culturais do povo que lhe deu origem é de fundamental importância para o indivíduo se entender como ser pertencente a um segmento e contribuir para a preservação da própria cultura, quando essa compreensão não ocorre há uma tendência de negação cultural, o indivíduo assimila aspectos de outros povos, que não o pertence, e abre mão de sua identidade sem perceber, muitas vezes, a gravidade dessa troca. Talvez seja o que está acontecendo com o Festival Folclórico de Guajará-Mirim, no caso das agremiações de bois-bumbás, por exemplo, ao abdicar da cultura fronteiriça e buscar em Parintins

uma identidade cultural que não pertence ao povo deste município. Neste caso, não poderíamos dizer que este fato já é resultado da falta de integração entre escola e contexto cultural da fronteira na vida dos agentes de culturas?

A educação formal precisa contribuir para a preservação cultural de todos os segmentos atendido por ela, colaborar para a preservação dos conhecimentos do povo, para a aceitação identitária do indivíduo enquanto pertencente a uma dessas diversidades étnico/cultural e que corre o risco de passar por um processo de aculturação negligenciada pela escola que não percebe a interferência externa na vida dessas pessoas e, também não compreende a necessidade de se buscar nas características desse povo os conteúdos que o irão definir e firmar a própria identidade.

Assim, a formação do indivíduo, de sua identidade é um processo social, cultural e histórico, que se dá por meio das relações formais e informais na sociedade, e que se caracteriza por um processo de mão dupla: na medida em que o indivíduo, agindo no mundo e relacionando com os outros, constitui-se, ele participa da construção da sociedade e da cultura.” (MACIEL e PULINO, 2008, p.25.)

A escola precisa atentar para a idéia de que a preservação da cultura popular é a base para a construção de outros conhecimentos que esclarecem a importância do indivíduo de se entender como ser étnico e nacionalizado, também porque emergem esclarecimentos relacionados à cultura visual e histórica dos povos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, destacando as suas riquezas culturais, patrimoniais materiais e imateriais, aumentando a possibilidade de compreender as origem das populações hoje existentes neste local, mistura de três povos, previamente definidos como bolivianos, indígenas e brasileiros e que contribuem a cada dia para a expansão cultural deste lugar. A escola, por sua vez, precisa estar atenta e observar as necessidades de cada segmento atendido por ela, pois existem artefatos culturais inerentes a educação que poderão ser usados no processo ensino-aprendizagem a partir da sua descoberta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção artística e cultural da região Norte do Brasil é muito rica. Em região de fronteira essa produção aumenta ainda mais porque há uma junção entre povos que se relacionam cotidianamente e faz-se necessário conhecer suas características culturais para compreender melhor esse homem e sua história. Mesmo se limitando aos estudos das produções culturais dos povos residentes em Guajará-Mirim(RO), que é o caso desta monografia, sabemos que não é possível expor todos os aspectos culturais existentes em poucas laudas.

Futuramente, seguindo a linha de pensamento desta pesquisa e explorados com abordagens metodológicas diferentes das usadas aqui, podem ser estudados outros aspectos que ampliem esta catalogação, com a finalidade de caracterizar contextualizadamente a história e a identidade do povo que aqui mora, separadamente – *colla, camba, wari'*, seringueiro, beiradeiro, canoeiro, açazeiro e tantos outros que estão presentes no caudal de contribuintes da cultura popular de Guajará-Mirim. Além dessa caracterização é necessário dar continuidade a estudos que esclareçam e apontem soluções para a problemática da falta de diálogo entre os livros didáticos usados em nossas escolas e a cultura de nossos alunos, que é desprivilegiada e colocada em escanteio, perdendo sua evidência e expressão devido ao valor dado a culturas alheias, que nos são apresentadas por diversas mídias, possibilitando assim a formação de preconceitos velados que se refletem na não aceitação da própria identidade cultural e de suas origens, envergonhando-se e se sentido inferior às pessoas que vivem nas metrópoles, exemplificadas pelos livros didáticos utilizados por nossas escolas.

A falta de atenção, a não apropriação das produções artísticas e culturais, a não utilização dos saberes populares como objetos de construção do conhecimento e a não conscientização dos valores dessa identidade cultural pela escola contribui para o processo de aculturação que se faz presente de maneira gradativa entre os fronteiriços, favorecendo um estado de negação velada dessa cultura entre os tipos humanos (bolivianos, Pacaás-novos e nordestinos) que vivem próximos e se inter-relacionam cotidianamente, mas que a cada momento correm o risco de quebrarem o elo entre eles, suas culturas e histórias.

Influenciado pela percepção da perda dos valores culturais devido às

propagações externas de que o mundo metropolitano é um caminho sem volta para a humanidade, mas sem perder de vista a idéia de que é impossível se isolar do processo de globalização que se alarga a cada dia disseminado pelos meios de comunicações de massa, surge a preocupação em pensar em fatores que fortaleçam as relações da cultura popular com a contemporaneidade, sem que ocorra prejuízo para a mesma. Apontar a escola como agente de frenagem das ações unificadoras da cultura de massa talvez seja a opção e o princípio do resgate dos saberes populares, que a cada momento se tornam raros, isolados e distantes, servindo apenas como objetos de estudos como este, que não pretende se encerrar aqui e que tem a esperança de que seja utilizado como alerta para todas as fronteiras culturais existentes no mundo, para que as mesmas se voltem a estratégias que contribuam com o despertar de necessidades de se valorizar as concepções populares de vida como base de conhecimentos mais avançados.

BIBLIOGRAFIA

CHAMMA, Maria Teresa Merino. Guajará-Mirim: A Pérola do Mamoré. São Paulo, Schoba, 2012. 396p.

COUTINHO, Carlos Nelson, Cultura e Sociedade no Brasil: ensaio sobre ideias e formas. 2ed. re. Ampliada. - Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 272p.

DIAS, Belidson. MACHADO, Grace Maria. LIMA, Elder rocha. Manual de Normatizao da diplomao do Departamento de Artes Visuais – Bacharelado e Licenciatura, Brasília 2008.

GREENBERG, Clement , Arte e Cultura – Ensaio Críticos: São Paulo, tica, 2001. 280p.

DELL'ISOLA, Regina Lcia Pret, Leitura: Inferências e contexto sociocultural: Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001. 247p.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 5ed. - Rio de Janeiro, DP&A, 2001. 102p.

HUGO, Vitor. Desbravadores. Rio de Janeiro. Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1991.

Ministério da Educao (1998). Parâmetros Curriculares Nacional. Secretaria de Educao Fundamental. Brasília. MEC/SEF.

MIZUKAMI, M. G. N. (1986). Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, (1986).

MELO, Luiz Gonzaga de: Antropologia cultural: iniciao, teoria e temas – Petrópolis, Vozes, 1987. 528p.

MEIRELES, Denise Maldi. Guardies da Fronteira – Rio Guaporé, Século XVII, Petrópolis, Vozes, 1989, 213p.

MOREIRA, M.A. Teorias da Aprendizagem. São Paulo: EPU, 1999.

NORMA, Miriam Raposo e ARNT, Rosemaria de Medeiros. Módulo 4: Teorias da

Educação. Brasília: Gráfica Brasil Editora & Marketing Ltda., 2008.84p.

MACIEL, Diva de Albuquerque e PULINO, Lucia Helena. Módulo 5: A Psicologia e a Construção do Conhecimento. Brasília: Cidade gráfica e Editora Ltda.,2008. 138p.

TOURINHO, Irene; SALTO PARA O FUTURO - Cultura Visual e Escola. Ano XXI – boletim 09 – DF. 2011. 30p.

SANTOS, José Luiz dos. O que é Cultura, São Paulo, Editora Brasiliense.S.A. 1983.89p.

SANTOS, Simon de Oliveira, Meu coração ficou com o último apito do trem. Portal Guajará, [on line], disponível na internet: <http://www.portalguajara.com/meu-coracao-ficou-com-o-ultimo-apito-do-trem/> em: 28/09/2013 às 10:21

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 21ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Hugo Evangelista da; Capitão Alípio – Um pouco do verdadeiro e um tanto do folclore. Salto, SP: Editora Schoba; Rondônia, RO: Edufro,2011. 212p.

VILAÇA, Aparecida. Quem Somos Nós – Os Wari' Encontram os Brancos, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2006. 607p.

ANEXOS:

A CONTRIBUIÇÃO CULTURAL DOS ÍNDIOS WARI' (PACAÁS-NOVOS)



Apresentação de lenda indígena no Festival Internacional de Teatro de Guajará-Mirim/ FESTIN-AÇU por alunos do Ensino Médio do Campo da Escola Estadual Salomão Melgar, do distrito de Surpresa – PIN Sagarana. Setembro de 2012.

Foto: Associação de Teatro Waraji



Foto: Associação de Teatro Waraji

A CONTRIBUIÇÃO CULTURAL DOS BOLIVIANOS

Peça de Teatro enaltecendo o rio Mamoré, apresentados por alunos da cidade de Guayaramerín-Bolívia no FESTIN-AÇU.



Foto: Associação de Teatro Waraji

A EFETIVAÇÃO DA CULTURA LOCAL SOB O PRISMA TRILÍNGUE OU MULTICULTURAL

Festival Folclórico de Guajará-Mirim

Lenda do boto – alegoria apresentada no Festival Folclórico de Guajará-Mirim no 2º Final de Semana de Agosto de 2011.



Foto: Jornal O Mamoré

Artesã confeccionando fantasias e adereços de boi-bumbá.



Foto: Deny Ardaia

Intercâmbios Culturais nas Escolas Públicas

Dança *caporale* – Apresentação dos alunos de Rurrenabaque – Bolívia, no Intercâmbio Internacional Ultrapassando Fronteiras da Escola estadual de ensino fundamental e Médio Simon Bolívar – na cidade de Guajará-Mirim (Ro).



Foto: Raíssa Iara Corrêa

Círculo de palestras e estudos de eixos temáticos como educação, violência, meio ambiente, família, sociedade, sexualidade e drogas.



Foto: Raíssa Iara Corrêa

Professores brasileiros e bolivianos. Organização de discussões sobre os eixos temáticos.



Foto: Raíssa Iara Corrêa

Recepção aos participantes do Intercâmbio, chegada dos professores e alunos bolivianos.



Foto: Raissa Iara Corrêa

Os Alunos das Escolas

Travessia do rio Mamoré. Rotina de inúmeros alunos bolivianos que estudam nas escolas brasileiras.



Foto: Raissa Iara Corrêa

A ESCOLA QUE TEMOS

Sugestão de projeto para a valorização da identidade cultural do povo fronteiriço.



Instituto de Artes

Departamento de Artes Visuais

Projeto Interdisciplinar de Ensino e Aprendizagem 2

Professora Autora: Ana Beatriz Barroso

Professor Supervisor: Moacir Macedo

Tutor à Distância: Ary Coelho

Discente: Deny Ardaia da Silva Matrícula: 0859354

HISTÓRICO COMENTADO

O Projeto Encontrando Caminhos se preocupa em descobrir soluções práticas para reutilizar alguns objetos que são descartados por falta de uso e para que estes não sejam jogados no lixo. O objeto da vez foi o caixote de transportar legumes e frutas que geralmente os feirantes, pequenos comércios e supermercados descartam.

A ideia foi transformar este caixote num confortável banco e para incrementar buscamos nos basear no folclore brasileiro para definir cores e padrões de tecidos, valorizando a diversidade cultural do município de Guajará-Mirim, cidade aonde foi desenvolvido o projeto e que tem tradição em festas folclóricas do movimento cultural boi-bumbá.

Para a execução deste projeto, envolvemos a Associação de Teatro Waraji e o Grupo de Teatro Metaeufórico que confeccionaram as peças.

PROJETO ENCONTRANDO CAMINHOS



Transformando um caixote de transportar legumes numa banqueta confortável.



MATERIAIS

Caixote
Papelão duro
Espanja
TNT para 1ª forração
Tecidos coloridos para a 2ª forração
Fitas para o acabamento.
Cola e pistola elétrica
Grampeador de madeira e grampos
Tesouras, estiletes, facas, martelos e pregos.



Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais
Projeto Interdisciplinar de Ensino e Aprendizagem 2
Professora Autora: Ana Beatriz Barroso
Professor Supervisor: Moacir Macedo
Tutor à Distância: Ary Coelho
Discente: Deny Ardala da Silva
Matricula: 0859354

Aplicação da técnica na Associação de Teatro de Guajarã-Mirim(Ro) – Waraji

Junho de 2013

Os membros da Associação de Teatro Waraji darão continuidade na confecção destes bancos que serão comercializados em uma exposição que acontecerá na última semana do mês de setembro no III Festival Internacional de Teatro de Guajará-Mirim. Mais informações sobre este projeto e sobre a Associação de Teatro poderão ser obtidas em <http://fazendoaspressas.blogspot.com.br/>
<http://www.facebook.com/waraji.guajaramirim?ref=ts&fref=ts>
<http://www.facebook.com/festin.acu>

Encerramento do Projeto Intercâmbio Cultural – Apresentação das danças – Patrimônio Imaterial Fronteiriço.



Foto: Raissa Iara Corrêa²⁰

²⁰ Raissa Iara Corrêa: Aluna do 3º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Simon Bolívar